

---

## **Construção de Gênero: análise filmica da personagem Bree do filme Transamérica**

Emmanuelle Schiavon Melgarejo<sup>2</sup>  
Ana Paula Penkala<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas

### **RESUMO**

Esse trabalho busca entender a construção da personagem Bree, do longa Transamérica (2005), a partir de uma análise filmica dos figurinos utilizados durante a produção. O objetivo é compreender como ela se constrói, exterioriza e identifica como mulher dentro do universo elaborado pelo filme. A proposta é buscar evidências de como a composição estética da personagem a insere no meio em que vive a partir dos princípios sociais de construção de identidade e gênero.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Gênero; Mulher; Figurino; Personagem.

### **INTRODUÇÃO**

Será feita uma análise filmica da protagonista do longa Transamérica a partir de seus figurinos. Serão utilizados como autores principais Luciano Guimarães (2006), Simone Beauvoir (1967) e Judith Butler (1990), buscando contextualizar a caracterização da Bree. O artigo se propõe em entender como a elaboração estética da personagem traz aspectos importantes para que ela se imponha como mulher dentro da produção, e pela forma como se mostra ao mundo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 - XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22/06/2019

<sup>2</sup> Aluna do sétimo semestre de Cinema de Animação da UFPel. E-mail: manuschiavon@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora deste trabalho. Professora do Centro de Artes da UFPel. E-mail: penkala@gmail.com

---

## A JORNADA

O longa *Transamérica*, Dirigido por Duncan Tucker, e estrelado por Felicity Huffman<sup>4</sup>, conta a história de uma mulher transexual que está em sua jornada para a sua transição definitiva a partir da cirurgia de redesignação de sexo. Quando a personagem principal finalmente consegue todas as autorizações necessárias para seguir seu percurso, ela descobre Toby, seu filho adulto e até então desconhecido. Assim seguimos na produção de 1 hora e 43 minutos, narrando a história de Bree e como ela enfrenta seu caminho para conseguir realizar o que tanto almeja e finalmente completar sua transição.

Durante sua trajetória as diversas roupas que usa sempre são signos normalmente ligados às características femininas dentro da construção de um imaginário social ocidental. No primeiro momento entendemos uma necessidade da personagem de pertencer, pela caracterização, a um gênero que ainda não se sente parte. Ao longo da narrativa identificamos que a forma com que endossa sua escolha é uma forma figurativa de se representar.

E geral, designar o sujeito com esses termos implica considerar sua constituição biológica e sua construção cultural, ou seja, para muitos o que define alguém como fêmea é o sexo (sua constituição biológica) e o que define alguém como mulher é o gênero (sua constituição cultural). Essa é a primeira regra que define os sujeitos em sociedade e os condena a estar eternamente resignados com sua condição, atribuições ou características, como num processo lógico, imutável ou como uma fórmula matemática hipotética e simplista (REIS, 2013, p. 2).

No trecho acima podemos perceber a dualidade de concepções que são impostas na atualidade, em que o corpo é imutável e o gênero não o influencia. Dentro desse contexto, em que apenas dois sexos são aceitos, a ambiguidade das definições humanas acabam sendo excluídas dentro da complexidade de nos identificarmos. O gênero, mais que apenas uma construção cultural, é uma estruturação de identidade que vem do processo de nos conhecermos e entendermos dentro de um universo de possibilidade de uma determinada realidade. Está condição mais plural não nos era admitida como seres

---

<sup>4</sup> Vencedora do Globo de Ouro como melhor atriz em filme dramático e indicada ao Oscar de melhor atriz pelo papel.

---

humanos, pois só era aceito o que já era conhecido. Ainda, nos dias atuais, há uma rejeição dessas identificações de gênero por determinados nichos.

O filme nos apresenta muitas situações de profundo dualismo e autoconhecimento, focando na complexidade da aceitação de uma transexual na sociedade atual; partindo de seus próprios familiares, desconhecidos que passam por seu caminho, até ela mesma. Além disso, e principalmente, o filme trata de Bree como indivíduo, enxergando-se perante um contexto do qual nem todos a aceitam, e como ela decide se mostrar ao mundo.

“O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado” (BUTLER apud SENKEVICS, 2012, online). Percebemos uma resistência às formas de enxergar o ser humano que não seja unicamente pelo sexo biológico que lhe é atribuído no nascimento. Durante a jornada de Bree é possível entender a profundidade com a qual o assunto é tratado, e como ainda existe preconceito diante da diversidade de gênero, até mesmo por aqueles que a constroem, pela complexidade de se exteriorizar sem a necessidade de temer uma reação contrária.

### **ROSA POR TODA A PARTE**

A primeira vestimenta apresentada ao público, a qual o longa dedica seus minutos iniciais, já marca um estereótipo bastante ligado ao feminino ocidental. Este início traz na forma e na sutileza detalhes de como ela adiciona cuidadosamente cada um dos elementos, utilizando planos fechados que ainda não a revelam completamente.



Figura 1 – imagem promocional do filme Transamérica, na qual a personagem utiliza o primeiro figurino.

Logo no início do longa somos apresentados às particularidades de Bree - como ela se prepara, concede atenção aos pequenos detalhes de si mesma, como ela se veste. Nesse figurino podemos identificar a presença de saia longa, blazer, blusa de gola alta, meia calça, sapatos de salto, chapéu de aba larga, bolsa, brincos, anel, colar, óculos de sol e unhas longas cor de rosa. Diversos desses acessórios, além de atribuídos ao universo feminino, auxiliam a esconder características que ela ainda não aceita em seu próprio corpo, cobrindo-a como uma armadura.

Se há muita provocação e afetação na atitude das lésbicas, é porque elas não têm nenhum meio de viver sua situação com naturalidade: a naturalidade implica em não refletir sobre si mesmo, agir sem se representar os atos; mas as condutas de outrem levam sem cessar a lésbica a tomar consciência de si. Somente sendo bastante idosa ou dotada de grande prestígio social é que ela pode seguir o seu caminho com uma indiferença tranquila.

É difícil decretar, por exemplo, se é por gosto ou reação de defesa que tão amiúde ela se veste de maneira masculina. Há certamente nisso, em boa parte, uma escolha espontânea. Nada é menos natural do que se vestir como mulher; sem dúvida, a roupa masculina é também artificial, mas é mais cômoda e mais simples, favorece a ação ao invés de a entrar. (BEAUVOIR, 1967, p.61)

Beauvoir fala da naturalidade de se vestir do jeito que lhe é mais cômodo, sem pensar ou refletir todas as nuances que tal escolha revela. Bree não traz essa espontaneidade em suas vestimentas, ela transparece em seu figurino a preocupação de como demonstrar um interior que ela julga não estar em seu exterior. Suas seleções são pautadas pelo intuito de ser mais feminina, de conseguir se posicionar como mulher para uma sociedade que a faz se rever e se montar sem a naturalidade e a indiferença de representar seus atos.

Já em seu primeiro momento percebemos as particularidades que fazem com que Bree se apresente como mulher. Ela veste, dos pés a cabeça, cor-de-rosa. “(...) as funções que prevalecem em cada expressão da cor nos meios de comunicação e a construção dos códigos binário-polarizados e assimétricos da cor, relacionando-a às etapas de superposição de códigos biofísicos, linguísticos e culturais” (GUIMARÃES, 2006, p.6). Está cor é a escolha que a personagem faz para praticamente todos seus figurinos do longa, já demonstrando que suas decisões não são feitas de maneira arbitrária.

Cabe ressaltar que não estamos nos referindo a nenhuma capacidade biológica ou genética do homem, mas tratando do repertório que cada sociedade pode adquirir e como isso pode interferir na codificação de determinada linguagem. Sabemos, por exemplo, que o preto é a cor do luto e da tristeza na maioria das culturas ocidentais, enquanto na China o luto se representa em branco. Nesse caso, a noção de cor é a mesma, o preto como cor negativa e o branco como positiva, o que modifica seu uso é a percepção da morte naquela cultura, entendida como elevação espiritual, e do nascimento, quase um castigo. (GUIMARÃES, 2000, p.100)

Essas construções de significados feitas a partir da cor são capazes de interferir na relação de associações que fazemos, tornando uma forte ferramenta de representação. Sabemos, como o autor fala, que esta relação não é ligada a nenhum fenômeno biológico, e sim uma afinidade criada pela sociedade.

“A dominação ocorre por meio de uma linguagem que, em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferente disparidade, e conseqüentemente, uma hierarquia que se transforma em realidade social” (BUTLER, 1990, p.171). Butler fala de uma ação social plástica que caracteriza

---

uma realidade social que a personagem está buscando imprimir em suas vestimentas, e isso faz com que a caracterização seja necessária para se encaixar na sua prática. Dentro desse contexto somos apresentados a uma Bree cor de rosa, coberta por longos metros do tecido que mostram como sua feminilidade é exposta na forma como se cobre.

Nesse primeiro figurino ela utiliza roupas bastante fechadas, criando uma barreira visual para si própria: uma roupa capaz de fazer que com ela consiga enfrentar a sociedade. Esse tipo de postura lhe possibilita um cenário menos agressivo com o processo que ela está passando, pois esconde as características masculinas que não aceita presentes em si.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2005, p.21).

Segundo Hall podemos entender que a identidade é uma representação de quem somos, e ela é mutável pela forma que mostramos. Bree se expõe em suas roupas, ela se monta e se protege em sua vestimenta, dando a ela características que a constroem como mulher dentro de seu nicho social.

Outro detalhe a ser analisado bastante relevantes em seu visual são os adereços. As unhas longas pintadas de rosa, a bolsa, o colar, os brincos e o cabelo comprido. Essas particularidades são normalmente conectadas e atribuídas ao universo feminino, tornando-a mais próxima do seu intento que é completar a sua transição. Também são aqueles adereços que permanecem por mais tempo, seus companheiros fiéis nessa jornada.

## **A NOTÍCIA**

Bree, durante sua trajetória, recebe a notícia da existência de um filho desconhecido até o momento, Toby Wilkins. Ele é fruto de uma relação antiga, quando ainda não tinha iniciado sua mudança definitiva de sexo. A notícia é dada por telefone, enquanto Bree está sentada em seu sofá já bastante ansiosa por ter recebido a autorização de seus médicos para realizar o procedimento cirúrgico.



Figura 2 - Vestimentas que utiliza ao receber a ligação de seu filho.

Nesse momento vemos a personagem vestindo cores não comumente relacionadas ao feminino. Essa é a única cena, durante a narrativa, em que a personagem não utiliza rosa ou tons variantes dessa cor. Apesar dessa mudança na paleta, ela ainda veste roupas largas e diversos acessórios que a mantêm sua aparência.

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um "fator" ou "dimensão" de análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma "marca" de diferença biológica, linguística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto. (BUTLER, 1990, p 28)

Receber a notícia de um filho a liga com seu sexo biológico e gera uma aproximação com o passado. Bree é uma mulher que está em constante luta para aceitar seu exterior, dessa forma ela se veste e expõe da forma que é mais aceitável possível dentro de seus padrões. Apesar de sua ruptura com seu eu passado, este momento podemos perceber um confronto com quem já foi um dia, e suas roupas são mostradas com uma construção mais natural.

Um exemplo disso é o fato dela estar usando verde, uma cor neutra dentro do imaginário social ocidental. Essa é uma escolha amena para universo de construção imagética que elaborou para si. A utilização, justamente no momento em que recebe

---

essa notícia, pode ser encarada como um decisão da Direção de Arte para conectar o seu eu anterior com o presente, ou até suavizar a imagem que temos dela até o momento. Este tipo de recurso estético pode ser considerado um forma visual de conectá-la com o início de sua jornada, processo que ela mesma negou por um período. Bree sente-se diferente sexualmente e encara a sua transição, mas esse momento de conexão faz com que entendamos a complexidade da construção de seu gênero e sua identidade.

Ao receber essa notícia somos levados pela jornada da personagem para se enxergar inteira, desde quem foi até quem é. No percorrer do seu caminho podemos entender como ela tenta conciliar essas duas verdades sobre si de uma maneira que não interfira no seu futuro. A personagem estipula a forma como irá lidar com a notícia, ainda que não conseguindo ser completamente verdadeira com seu filho. Sua busca é entender que é uma mulher, e seu passado faz parte de sua construção.

### **BATALHA CONTRA AS CIRCUNSTÂNCIAS**

O terceiro figurino analisado faz parte de um processo de enfrentamento pelo qual a personagem passa durante a sua jornada mais difícil. É a tentativa de encontrar quem ela realmente é ao mesmo tempo em que precisa confrontar seu passado que chega na forma inesperada de um adolescente, praticamente um homem adulto. A personagem busca seu filho na cadeia, utilizando uma história inventada para não contar o real motivo de estar ali.

Nesse percurso ela descobre que o menino está muito mais longe de casa do que imaginava e sua mãe já é falecida. Bree decide levá-lo de volta para sua cidade natal, mentindo que o deixará em Los Angeles, para onde Toby realmente almeja ir.



Figura 3 - Detalhes do terceiro figurino

“Roupas, casas, edifícios públicos e até mesmo os entalhes e os objetos decorativos feitos por artesãos amadores nos revelam muitíssimo sobre as pessoas que os criam e os escolheram”. (DONDIS, 1997, p.30) Quando se escolhe uma roupa, ainda mais com o cuidado com a qual a personagem dedica a isso, ela está contando uma história visual. Nessa passagem vemos novamente Bree com diversas peças de roupas rosa e lilás, que a cobrem da cabeça aos pés. Saia até o joelho, camisa, casaco rosa, lenço colorido cobrindo o pescoço, brincos, bolsa e óculos. O cabelo da personagem ainda está perfeitamente arrumado e ela segue seu caminho ao manter a aparência e o discurso que criou para si.

“A violência da letra, a violência da marca que estabelece o que irá ou não significar, o que será incluído ou não no inteligível, assume uma significação política quando a letra é a lei ou a legislação autorizadora do que será a materialidade do sexo” (BUTLER, 1998, p.16). Butler escreve sobre o pós-moderno e como somos condicionados por um todo que não representa suas minorias. A autora ainda alerta sobre a significação de como é condicionada à materialidade do sexo, e como isso pode oprimir a liberdade da construção de gênero no meio social. Em Transamérica percebemos como a elaboração do gênero é presente no figurino de Bree e como isso é um signo fundamental para a construção da narrativa. A protagonista também é a forma que construiu para si, a qual faz parte da essência da personagem. “No próprio coração da hiper modernidade, reorganiza-se a diferença das posições de gênero. É apenas

---

quando se esvaziam de sentido existencial e se chocam de frente com os princípios da soberania individual que os códigos ancestrais do feminino se eclipsam” (LIPOVETSKY, 2000, p.14).

Mesmo em uma viagem longa de carro ela não dispensa sua armadura. As roupas que veste são quentes e desconfortáveis, mas a acompanhamos mantendo-se perfeitamente arrumada, sem recusar nenhum dos adereços que lhe dão a aparência desejada. Apesar das dificuldades inesperadas da jornada, a personagem ainda sustenta sua história sem revelar sua real motivação para aquela caminhada. No entanto, em um momento de descuido, Toby a observa urinar e descobre que na verdade Bree é uma transexual, e a revelação repentina a desestabiliza. Toby então começa uma série de provocações motivado pela incompreensão, gerando desconforto na personagem.

A viagem se transforma em um constante enfrentamento de situações difíceis para Bree. Durante o percurso a personagem, já abalada, tem seu carro e sua bolsa de hormônios roubada, tornando o trajeto ainda mais desconfortável. Ela se vê cada momento mais longe do ideal criado para si. Isso a desestrutura, e faz com que fique preocupada com sua aparência; pelos faciais crescendo, mudanças na voz, aparência menos feminina.

Durante toda a seu caminho ela reforça o quão importante é a forma como se expressa ao mundo, e essa é diretamente ligada às roupas que usa. Escolher seu figurino é uma característica fundamental de si, pois determina controle sobre o que veste e como aparenta, característica significativa para ela se estabelecer diante de determinada comunidade.

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto de práticas mais ou menos integradas as quais o indivíduo toma pra si; não somente por que o sujeito supre com tais práticas necessidades utilitárias, mas por que elas dão forma material a uma narrativa particular da identidade do eu. (GIDDENS, 1991, p. 81)

Bree se encontra obrigada a deixar seu visual mais à vontade, tirando as tantas camadas de roupa, prendendo o cabelo, e amarrando o casaco na cintura. Muitos detalhes que mantêm o estereótipo criado ainda podem ser percebidos, nas cores, nas joias, no modo de se portar e falar. No entanto, em meio à situação caótica que vive,

Bree deixa de se preocupar tanto com a aparência e assume mais o papel de viajante na qual o plano saiu de rumo. Esse tipo de postura da personagem também pode ser analisado como um processo maior de aceitação, entendendo que seu gênero não é dependente da forma como ela se monta, demonstrando aceitação sobre si.

Para a personagem essa passagem é enfrentada com dificuldade, tendo de aceitar que continua sendo tão mulher naquela situação quanto era antes com sua bolsa de hormônios e todos os aparatos perfeitamente arrumados de seu figurino.

### **COMPLETA, MAS AOS PEDAÇOS**

O último figurino analisado é a vestimenta final da personagem, a única roupa que ela usa após a cirurgia. Apesar de manter a mesma paleta de cores recorrente do resto do longa, esse conjunto é tomado por peças mais leves e menos carregadas; deixando o corpo mais à mostra.



Figura 4 - Último figurino de Bree

Durante a viagem Bree percebe que foi nutrindo um sentimento instintivo de cuidado pelo filho, apesar de ainda não ter o revelado que é seu pai biológico. Quanto mais se aproxima de Toby mais complicada sua relação se torna, e ao finalmente contar o segredo para o garoto, o momento se complica e os dois acabam afastando-se. A ligação criada entre os dois, ainda sensível, é muito abalada pela revelação do seu parentesco, e com isso Toby foge, abandonando-a com o misto de sentimentos que a levou até aquela situação.

---

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações (LOURO, 2000, p.4).

A autora fala da liberdade das novas vivências que movimentos como o feminismo e LGBT trouxeram para a sociedade, mas alerta que ainda existe uma parcela que se sente ameaçada e por isso tenta retroceder esses avanços. Na história de Bree podemos perceber como diversas vezes a personagem teve medo do que pensavam dela, e do que ela iria representar, motivando-a a colocar uma armadura cor de rosa todos os dias. Quando finalmente consegue se transformar no que acreditava ser, e realizar a cirurgia de redesignação de sexo, podemos ver a leveza que sente ao mesmo tempo que o peso da saudade a puxa.

Louro (2000) fala dessas novas possibilidades, e para Bree é possível perceber como essa gama de opções fez com que ela finalmente se tornasse completa. O momento em que chega ao seu resultado final, quando finalmente tem a oportunidade de olhar seu corpo no espelho e se aceitar, não é tão completo quanto ela pensava ser, mas sim uma parte de sua jornada que a acompanhará por toda sua vida.

Bree enfim se encontra num corpo seu, que condiz com seu interior. Tempos após a cirurgia, ela aparece em casa com roupas confortáveis, ainda com o rosa bastante presente, mas finalmente usando uma calça, uma blusa que mostra mais o corpo, sem mangas, e sem muitos acessórios.

As formas de vivenciar o gênero são tantas que pode-se especular que as possibilidades e necessidades de articulação entre o corpo enquanto suporte que ostenta o sexo biológico e o gênero se estendem ao infinito. É preciso criar teorias que estejam mais abertas a essa pluralidade (BENTO, 2007, p.97).

Durante sua processo de amadurecimento entendemos que a construção do gênero é mutável e infinita, advinda da história pessoal de cada indivíduo. Esse é o

---

momento que percebemos que ela finalmente se compreende, que apesar da armadura que montou para si quando ainda não aceitava seu corpo, agora ela é finalmente uma mulher que se sente completa dentro da pluralidade da sua história. Também vemos o reencontro com Toby, quando ele aparece para visitá-la, e a forma que ela lida com isso é mais segura de si, entendendo que aceitação dele já está li.

Mas o sexo não causa gênero; e o gênero não pode ser entendido como expressão ou reflexo do sexo; aliás, para Beauvoir, o sexo é imutavelmente um fato, mas o gênero é adquirido, e ao passo que o sexo não pode ser mudado - ou assim pensava ela -, o gênero é a construção cultural viável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionados pelo corpo sexualizado. (BUTLER, 1990, p.163)

Bree completa a sua transição de sexo, agora aceitando seu corpo e seu passado, com o que seu gênero se identifica. Como Butler escreve, o gênero não é um sintoma do sexo, e sim uma opção viável para aqueles que não se identificam com o sexo de seu nascimento. O último figurino é uma demonstração do crescimento da personagem, como seu caminho a tornou uma mulher ainda mais completa, e seu instinto e suas perdas a fortaleceram e a fizeram se entender de uma forma muito mais profunda e complexa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos ao longo do filme como a personalidade de Bree, suas inseguranças e certezas, são expostas por seus figurinos. Entendemos, também, como a escolha de um visual é dada segundo muitos dos conceitos estabelecidos pelo imaginário popular no intuito de se adequar a uma certa realidade.

Ao longo da análise fica claro o intento da protagonista de se provar mulher enquanto ainda não se aceita sem as mudanças no seu corpo, e, mais que isso, como Bree se sente em relação a ela mesma e ao seu passado. O percurso turbulento pelo qual é desafiada a passar só a faz sentir-se mais mulher, aceitando sua identificação de gênero de um modo muito mais complexo, e isso pode ser traçado pela construção do seu visual.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo - II - A experiência vivida**. 2ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1967.

BENTO, Carlos Henrique. **O gênero atuante: a performance de gênero em The Passion of New Eve e Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2007

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. Nova York: Universidade da Califórnia. 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Routledge. 1990.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and self identity: self and society in the late Modern Age**. Cambridge: Polity, 1991.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3ª edição. São Paulo: AnnaBlume, 2000.

GUIMARÃES, Luciano. **O repertório dinâmico das cores na mídia: produção de sentido no jornalismo visual**. Bauru: Compós, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher**. Coleção Epistemologia e Sociedade do Instituto Piaget: Lisboa, 2000.

LOURO, Guacira Lopes Louro. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Editora Autêntica. 2000.

REIS, Daniele Fernandes. **Ideias subversivas de gênero em Beauvoir e Butler**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2013.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Judith Butler: a questão da performatividade**. 2012. Visitado em 12 de agosto de 2017. <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>>.